



**SOCIALIDADES: CONFLITO E COOPERAÇÃO
ENTRE OS JOVENS MEMBROS DA TORCIDA
ORGANIZADA GALOUCURA**

Flavia Cristina Soares



INTRODUÇÃO

Muitos campeonatos de futebol são realizados nas mais diversas regiões do Brasil e da América do Sul anualmente. O Campeonato Brasileiro e a Copa do Brasil são os mais almejados pelos clubes de futebol, uma vez que conquistar o título é símbolo de status e prestígio, tanto para o clube, quanto para os jogadores, e acima de tudo para os torcedores. Além disso, a conquista de tais campeonatos possibilita inserir o clube na Copa Libertadores da América – um dos campeonatos mais almejados por aqueles que possuem afinidade com o futebol.

Para tanto, existem poucos estudos que investigam o início da formação de torcidas no Brasil e o processo de surgimento das torcidas organizadas, bem como, as relações estabelecidas entre os membros e os seus rivais, ou seja, as cooperações e os conflitos.

Entre as décadas de 1900 à 1920, os torcedores já acompanhavam os clubes, mas com algumas distinções que observamos em relação aos dias atuais. Neste período, o termo torcedor não fazia parte da Língua Brasileira, mas eram conhecidos como *sportsman* (MELO, 2012), uma palavra que demonstrava a participação do público nas arquibancadas dos mais diversos esportes disputados no Brasil. Com o processo de urbanização e a melhoria do transporte público, principalmente, na cidade do Rio de Janeiro, a maioria dos torcedores que compunham as arquibancadas era composto por mulheres, uma vez que os “chefes de família” eram sócios dos clubes a qual pertenciam e possuíam o direito de serem acompanhados por suas esposas e por duas filhas solteiras. Victor de Andrade Melo (2012, p. 50) expressa que “tratava-se sim de conquista de espaço pelas mulheres, mas também de uma liberdade controlada e concedida”, pois ainda se encontravam submetidas aos cuidados do marido.

Infelizmente, o comportamento das mulheres nas arquibancadas foi se tornando um problema durante o campeonato Sul-Americano, em 1919, uma vez que elas não pagavam os ingressos e os clubes necessitavam de recursos para o financiamento dos custos administrativos. Com a popularização do futebol, os clubes passaram a vender ingressos – a preços populares – com a finalidade de financiar as agremiações esportivas. Mesmo que os estádios fossem divididos em cadeiras numeradas, geralmente, ocupadas pela “elite” das classes, as arquibancadas e as gerais ocupadas pela classe média e baixa, respectivamente, a grande maioria do público começou a ser frequentado por homens. As distintas camadas frequentavam os estádios com as suas diferenças sociais, econômicas e culturais. A população brasileira passou a frequentar os espetáculos futebolísti-



cos, aos finais de semana, como forma de lazer e diversão. Os estudos escassos em relação ao tema apontam para a presença de homens e mulheres nos campos de futebol - contorcendo os corpos, gesticulando as mãos com sinais e gritando palavras ofensivas aos juízes, jogadores e torcedores rivais. Porém, essas características foram modificando com o tempo. Segundo João Malaia:

[...] Nossa hipótese é a de que um dos costumes mais habituais nos estádios no início do século XX foi abolido para o Sul-Americano. Os sócios efetivos que comprassem seus ingressos não poderiam levar mais as filhas solteiras e a esposa ao jogo sem que as mesmas pagassem para entrar. Tal expediente visava uma maior obtenção de renda pois, até então, o sócio podia levar até três pessoas consigo sem pagar [...] (MALAIA, 2012, p. 69).

Este é um breve histórico da formação dos torcedores no futebol brasileiro. A partir da década de 1950, a constituição das torcidas organizadas passou a se expandir em várias capitais do Brasil, primordialmente, no Rio de Janeiro e São Paulo. Além das competições entre os times de futebol, o jornal esportivo da época, criou o duelo de torcidas com o propósito de premiar a torcida mais animada, iniciando o processo de competição entre as organizadas. Àquelas que possuíam o maior número de papéis picados, fogos de artifícios, bandeiras, faixas, cânticos, coreografias e os mais diversos materiais que pudessem embelezar as arquibancadas recebiam o título de melhor torcida, obtendo status, prestígio e o reconhecimento perante às demais torcidas.

[...] Afora esse caso, em que a disputa pelo poder de mando se tornou mais visível entre dois personagens, todas as demais cizânias tinham um elevado tom retórico, que a pouco e pouco foram sendo lidas como a dramatização de um 'conflito de gerações', ocorrida tanto na sociedade quanto nas arquibancadas. Na 'microfísica do poder' torcedor, os estádios eram igualmente campos de conflitos, arenas de disputas por espaço, representação e modos de dominação. Era de poder, em última instância, que se tratava [...] (BUARQUE DE HOLANDA, 2012, p. 109)

Em 1984, a Torcida Organizada Galoucura – TOG – surge com o intuito de apoiar o Clube Atlético Mineiro. No entanto, todo esse contexto da competição entre as torcidas já se encontrava instituído na relação estabelecida entre as organizadas. A Galoucura passou a ser mais uma torcida que começou a participar dessa “trama”, culminando em conflitos, rivalidades e hostilidades entre membros de grupos rivais. Alguns autores pesquisam a violência entre as torcidas organizadas (PIMENTA, 2000; MURAD, 2007). Porém, este trabalho pretende demonstrar uma outra peculiaridade: a relação dos membros da Galoucura com os simbolismos e os rituais. Não é importante descrever o histórico de rivalidades e violência entre os torcedores, mas, principalmente, a honra e a defesa dos símbolos e os rituais assimilados do catolicismo para o interior do próprio grupo e suas respectivas distinções: as penitências



e os momentos de comunhão. Além disso, os objetos sagrados como, por exemplo, as camisetas da Galoucura, as bandeiras e os bandeirões, assim como, as divindades, ultimamente representado pelo “Santo Victor”¹. Também, os estádios, as sedes² e as subsedes³ da Galoucura se tornaram espaços urbanos sagrados pelos jovens. As estratégias realizadas nas reuniões para defenderem os “patrimônios” (bandeiras, bandeirões, camisetas e outros materiais) e adquirirem os objetos sagrados da torcida rival como os “troféus”, símbolo de poder e superioridade do grupo em relação aos rivais serão descritos e analisados no presente artigo.

A pesquisa etnográfica - vivenciando o cotidiano do grupo - a realização de entrevistas em profundidade, bem como, a análise de vídeos e fotografias foram os principais procedimentos metodológicos adotado para a realização dessa investigação. Assim, o objetivo principal dessa pesquisa consiste em descrever as relações estabelecidas entre os membros pertencentes à Galoucura com os seus simbolismos e rituais.



FIG. 1 – O trabalho de seguir a torcida e a conquista de camisetas e bandeiras da Máfia Azul pelos membros da Galoucura Noroeste (GNO). A terceira e a quarta foto, constata-se frases de poder, reconhecimento e superioridade dos integrantes em relação aos rivais.

FONTE: Foto cedida por um membro da torcida.

1. “Santo Victor” é uma expressão utilizada pelos torcedores do Clube Atlético Mineiro para se referir aos pênaltis defendidos pelo goleiro nos jogos decisivos da Copa Libertadores da América.
2. Sede da Torcida Organizada Galoucura é o local onde se concentra atividades administrativas, reuniões, treinos de artes marciais e salas de musculação.
3. A TOG possui nove subsedes espalhadas pelas periferias das nove regionais da cidade de Belo Horizonte: Barreiro, Centro-sul, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova.



Além da fabricação de bandeiras nos dias que antecedem os “clássicos” e os ensaios da bateria da Galoucura aos sábados, outras atividades são realizadas pela diretoria do grupo para motivar a presença do maior número de torcedores na sede: o campeonato de truco. Enquanto alguns tocam, outros cantam e dançam, bem como frequentam o bar localizado próximo à sede, outras pessoas se dispõem a jogar cartas para se divertirem. Os jogadores devem se inscrever com antecedência com o propósito de obterem informações sobre os regulamentos do campeonato. Os prêmios concebidos aos vencedores são camisetas, bonés ou moletons com as marcas da Galoucura.

Concomitante a todas essas atividades de lazer e diversão, os integrantes da Galoucura Noroeste (GNO) se reúnem com o intuito de decidir as estratégias de comportamento dos membros para o próximo jogo do Clube Atlético Mineiro. Na sala de musculação da sede, em torno de quarenta integrantes do sexo masculino, tanto adolescentes quanto jovens, se encontram com o propósito de incentivar uns aos outros a obterem disposição às lutas corporais. O líder determina regras de conduta como não “surfear” nos ônibus, não fazer uso de drogas, entorpecentes e não furtar dentro e aos arredores do estádio. Um membro da Galoucura Noroeste ressalta:

[...] Os componentes não podem desrespeitar a frente da torcida, tem toda uma regra, por exemplo, caravana, eles têm que saber respeitar, não pode usar drogas dentro da torcida, entendeu? Dentro da sede, dentro de ônibus, é difícil de evitar, mas dentro desses locais, eles não podem usar, entendeu? Eles têm que tá sempre... tem que obedecer a linha da torcida [...].

[...] Quando os componentes acabam cometendo algum ato que não procede com a torcida, ele, geralmente, é chamado a atenção pela primeira vez, se não tiver resultado, ele sai no ‘corredor’, isso é meio para ele poder, ele ver que torcida não é brincadeira, entendeu? Porque é o seguinte: se ele passa no ‘corredor’, depois ele não aprendeu, ele é expulso da torcida, ele não ‘cola’ mais [...].

Assim, as regras de conduta são repassadas aos membros, uma vez que os policiais podem apreendê-los por qualquer comportamento considerado pelos representantes do Estado como “desordeiros” e prejudicar a torcida organizada. A partir da Lei 12.299 /10 – Estatuto do Torcedor – que “dispõe sobre medidas de prevenção e repressão aos fenômenos de violência por ocasião de competições esportivas; altera a Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003; e dá outras providências”, os líderes passaram a estabelecer normas de conduta para que os membros da Galoucura Noroeste não promovam “desordens”; pratiquem ou incitem a violência. Para isso, é necessário que os líderes cobrem uma atitude de responsabilidade dos iniciantes, uma vez que qualquer comportamento negativo pode prejudicar a torcida. Por exemplo, os membros da Galoucura podem ser proibi-



dos de levar qualquer simbolismo para dentro do estádio como as camisetas, as bandeiras, os bandeirões ou a bateria no período máximo de até 720 (setecentos e vinte dias); os torcedores identificados por tais atos poderão ficar durante um período sem frequentar aos estádios de futebol.

O controle social que deveria ser realizado pelo Estado passa a ser feito pelos integrantes do grupo. Àqueles que não obedecerem às regras estipuladas pelo líder passam pelo “corredor da morte”. O “corredor” é um lugar localizado em presídios que abrigam condenados para a morte e espera uma execução. Porém, os jovens adaptaram essa expressão para punir os integrantes através da violência, ou seja, eles formam duas fileiras e o jovem que causou “desordens” nos dias de “clássicos” devem ser punidos através de agressões. Mesmo com a humilhação provocada pelo próprio grupo, este membro agradece aos parceiros pela possibilidade de se tornar homem, no sentido viril. Por mais que a mídia estampa matérias de jornais ou revistas expressando a violência entre as torcidas organizadas e no interior delas é necessário problematizar o conceito de violência na relação estabelecida entre os integrantes que compõem a Galoucura Noroeste, uma vez que pode ser considerada, inclusive, como “positiva”, pois estabelecem as mais diversas formas de socialidades com os demais jovens. Um membro ressalta que “[...] era tanta ‘porrada’, mas tanta ‘porrada’ que no final a gente ficava amigo de tanto bater uns nos outros”. De forma alguma, a violência deve ser incentivada, mas este fenômeno deve ser relativizado e repensado pela sociedade, inclusive, como uma cultura periférica em que os jovens se relacionam dessa maneira, pois em momento algum eles demonstram constrangimentos por passar pelo “corredor da morte”, mesmo porque eles têm liberdade para se retirarem do grupo quando acharem conveniente. Abaixo, há um trecho de uma reportagem publicada no “O Tempo” - jornal diário de Minas Gerais – citando o Estatuto do Torcedor:

“Quatro torcedores atleticanos, incluindo um menor de 17 anos, foram detidos na tarde deste sábado (16) por incitar a violência e infringir o Estatuto do Torcedor, na porta do Estádio Independência, durante o clássico entre Atlético e Cruzeiro. Segundo a Polícia Militar (PM), todos os torcedores são integrantes da Galoucura e estavam reunidos na rua Pitanguí, na entrada do portão 3 do estádio, cantando músicas com temáticas relacionadas a brigas, violência e até estupro, na presença de mais de dez mil pessoas (...).”⁴

Os líderes são legitimados pelos integrantes e, por isso, eles têm o poder para punir eventuais transgressões. Os membros conferem a legitimidade aos “ca-

4. <http://www.otempo.com.br/cidades/membros-da-galoucura-s%C3%A3o-detidos-por-incitar-a-viol%C3%Aancia-1.790044>



beças” do grupo, pois reconhecem como autoridades legítimas, ou seja, respeitam as pessoas investidas nessa posição de dominação. Os agradecimentos dos jovens pelas punições dizem respeito ao reconhecimento das regras, pois sabem que as violou, respeitando a posição que o líder ocupa. Eles destacam que essa violência seria uma forma de torná-los mais fortes para encarar os problemas da vida.

Além disso, o uso de drogas ou entorpecentes afetam o Sistema Nervoso o que pode acarretar na falta de atenção do membro para se proteger de possíveis ameaças externas. A proibição do uso de drogas e entorpecentes se refere a impossibilidade do jovem estar em boas condições para lutar contra os rivais. Nos dias de “clássicos”, o perigo se torna ainda mais evidente, uma vez que ambas as torcidas estão circulando pela metrópole. A regra estabelecida entre os integrantes da Galoucura Noroeste diante dos encontros marcados nos espaços da cidade denominado por eles de “pista” está relacionada com a integridade dos jovens, ou seja, as lutas corporais só podem ser realizadas enquanto os torcedores podem se defender. Caso algum deles se entregue, ou seja, não consiga estar com o corpo erguido para a luta, ele é respeitado. No entanto, são nesses espaços da cidade, invisíveis aos olhos do Estado que os membros se confrontam para adquirir “troféus” ou até mesmo para impor a sua masculinidade. Assim, às vésperas dos “clássicos”, os membros da Galoucura se divertem através dos ensaios da bateria, encontro com os amigos e campeonatos de truco. Através dos líderes, a Galoucura Noroeste como a “linha de frente” da torcida define estratégias de comportamento, assim como, pune alguns jovens que não respeitam as regras determinadas por eles. Segundo o relato de um líder:

“O líder é responsável pela região, que ele tá sempre... ele que passa toda a caminhada feita pela sede, pela matriz, passa, passa, união entre os integrantes, é, resolve problemas compra os ingressos, material da região, é a ‘linha de frente’ da torcida mesmo, sabe? Tudo que tem pra região é os líderes que tem que fazer, promove ação social, é, festas, caravanas”.



FIGURA 2 – Foto demonstrando a fachada da sede da Torcida Organizada Galoucura.

FONTE: Créditos da autora.



COOPERAÇÕES

A construção da sede da Galoucura e das subsedes são espaços urbanos demarcados pelos jovens para estabelecer fronteiras identitárias. As subsedes são pontos de encontro dos jovens, principalmente, os moradores de periferia para conversarem sobre a torcida e o futebol. Enquanto a sede possui uma boa estrutura com salas de reuniões, salas de musculação, salas de treinamento de Jiu-jitsu, lojas que vendem produtos da Galoucura e uma ampla área utilizada para fazer churrascos e festas, as subsedes não possuem qualquer estrutura. Os espaços são demarcados pelos jovens, como, por exemplo a quadra de futebol localizada na regional noroeste, um espaço da “quebrada” apropriado pelos jovens.

José Guilherme Magnani (1992) caracteriza os espaços apropriados pela juventude de “pedaço”. Este termo, inclusive, é utilizado pelos membros ao se referir ao local onde moram, como, por exemplo, “[...] lá no meu pedaço a Galoucura se organiza diferente”. Segundo o autor, estes jovens estão situados em uma particular rede de relações caracterizadas por códigos que ordenam, separam e classificam quem pertence ou não àquele “pedaço”. Os integrantes da Galoucura Noroeste se reconhecem, pois portam símbolos, compartilham valores e modos de vida semelhantes estabelecendo o vínculo identitário dos jovens em relação ao território que habita, levando este estilo para os mais diversos locais da cidade.

Diante dessas considerações, descreveremos o modo pelo qual os jovens pertencentes à Galoucura Noroeste se apropriam dos espaços urbanos e circulam pela cidade estabelecendo uma rede peculiar de relações e os identificando e distinguindo dos demais grupos.

Às sete horas da manhã no dia do “clássico”, os jovens da Galoucura e moradores da Regional Noroeste se encontram em um local denominado por eles de “subsede GNO” - um ponto de encontro da Galoucura Noroeste. Este local foi estrategicamente apropriado, uma vez que eles residem próximos e se encontram para circularem juntos pela cidade e se protegerem das ameaças externas. Logo, utilizam do transporte público para chegarem até a sede. Dentro do ônibus, os jovens cantam as músicas da Galoucura, muitas vezes, adaptadas de alguma situação específica. Como é o caso da letra de música ilustrada na figura 3. A palavra “alemão” se refere ao inimigo; o Serrano e Ivaí são dois bairros da capital mineira; a Copa Itatiaia é um campeonato anual, realizado pela Rádio Itatiaia, em Minas Gerais; Maria faz referência ao time rival; BR é uma rodovia; Abílio Machado é uma das principais vias da Regional Noroeste; Raposa é o mascote da Máfia Azul e, urso, o mascote da Torcida Pavilhão Independente (PVI) que



representa o Cruzeiro Esporte Clube, mas é rival tanto da Galoucura quanto da Máfia Azul. Logo após a letra da música, há alguns relatos dos jovens pertencentes à Galoucura Noroeste.

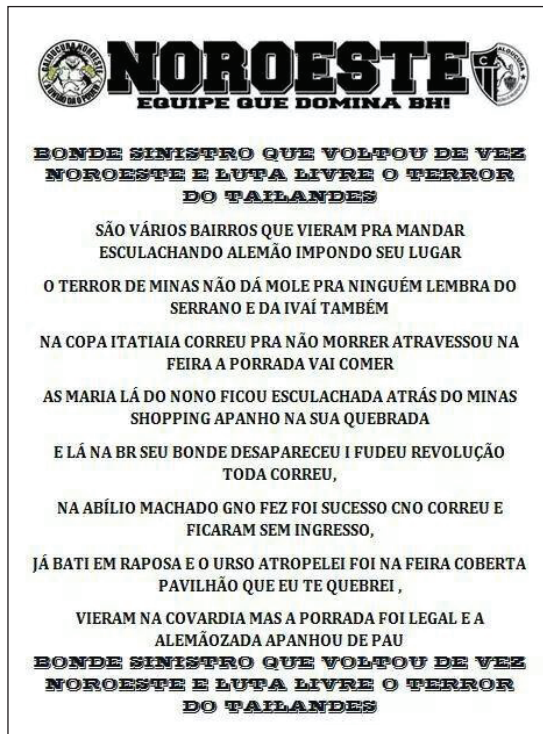


FIGURA 3 – Letra da música criada pelos membros da Galoucura Noroeste relatando algumas situações em que se encontraram com os inimigos.

FONTE: Foto cedida por um membro da GNO.

[...] A do nono comando aí é o que aconteceu foi ensaio da bateria da Galoucura no Carnaval, aí eles foram e deram... o pessoal do nono pegou dois meninos da Galoucura lá na estação do Minas Shopping, aí nós foi e colou lá, a Galoucura Noroeste foi lá, nós foi e quebrou os cara lá dentro da “quebrada” deles. Nós tava de nove caras da Galoucura Noroeste e quebrou uns 30 cara lá na “quebrada” deles, nós entramos dentro da favela e quebramos os cara dentro da favela [...].

[...] O da BR, o que aconteceu? Era jogo Cruzeiro e San Lorenzo, semifinal da Libertadores. Aí a Máfia Azul tava indo pro jogo, aí nós fomo e paramos o ônibus deles, aí nós colocou eles pra correr na BR, nós quebramo eles na BR e colocou eles pra correr [...].

[...] Na Abílio Machado aí foi o seguinte: era “clássico” Atlético e Cruzeiro, jogo de uma torcida só, era só torcida do cruzeiro no Independência, aí eles tava reunido numa praça da Abílio Machado que fica em frente ao Batalhão de Polícia, aí nós fomos e chegou lá com umas quinze cabeça lá, quebramos os cara e roubamos os ingressos deles, e eles não entrou pro jogo não, pois nós roubamos os ingresso deles tudo. Roubou acerca de uns 50 a 60 ingresso [...].

[...] Já bati em raposa, já bati na máfia azul. Já bati no urso, o urso é o mascote do TPI – pavilhão, entendeu? [...]



Além do espaço apropriado pelos jovens na Regional Noroeste denominado por eles de subsede e o percurso realizado dessa região até à sede através de ônibus, pode-se avistar diversas pixações⁵ nos suportes urbanos que são reconhecidas pelos pares. Na figura abaixo, leia-se: GNO, área de risco, os pit bull estão sem coleira! e, ao lado direito o nome dos jovens que realizaram essa marca pelas ruas de Belo Horizonte.



FIGURA 4 – Foto demonstrando a pixação da Galoucura Noroeste (GNO) na parte acima. Abaixo, a frase escrita “os pitbull estão sem coleira” no trajeto da subsede até a sede.

FONTE: Foto cedida por um membro da torcida.

Ao chegar à sede, os Policiais Militares se encontram posicionados para proteger os jovens que estão no local, uma vez que este espaço pode ser alvo dos rivais em busca de torcedores, aquisição de camisetas, bandeiras ou bandeirões da Galoucura – os “patrimônios”, símbolos dos “troféus”. Então, nos dias de “clássicos”, os PM’s fazem segurança no local com o propósito de evitar qualquer tipo de confronto entre as torcidas rivais.

Enquanto os membros da Galoucura vão se aglomerando dentro e aos arredores da sede, as ruas próximas se transformam em uma grande festa com diversas bandeiras espalhadas pelas mãos dos integrantes. Para balançar as bandeiras, é preciso que o jovem tenha um porte físico adequado, pois o material é pesado. Além disso, os integrantes festejam a possível vitória com cervejas e cachaças, jovens pulam e cantam músicas remetendo que a torcida rival é “Maria” ou “frouxos”, uma forma de expressar que eles não possuem disposição para combater. Este é o ambiente de um dia de “clássico”, permanecendo durante horas. Por volta das 14 horas, os membros se juntam e fazem um cortejo até o estádio.

5. A pixação escrita com “x” foi um termo descrito por Alexandre Barbosa Pereira em sua dissertação de mestrado intitulada “De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo” (2005) para diferenciar a pixação advinda de uma cultura de rua em relação às pichações políticas escritas com “ch” quem seriam frases de contexto político.



No trajeto até a Arena Independência, a emoção toma conta do corpo. Por quilômetros, eles percorrem juntos com camisetas brancas estampando o símbolo da Galoucura chamado de “Pulgão”. À frente desse agrupamento de jovens, observam-se Policiais Militares. Logo, um automóvel responsável por levar as bandeiras e os instrumentos da bateria se localiza atrás destes policiais, pois é a única forma de proteger os símbolos. Se não houver qualquer proteção policial, os dias de “clássicos” podem se transformar em verdadeiras batalhas. Uma das bandeiras fica hasteada com a finalidade de demonstrar que a Galoucura está se aproximando do local sagrado, ou seja, o estádio. Esse trajeto da sede até a Arena da Independência se assemelha às procissões realizadas pelas Igrejas Católicas.

DISTINÇÕES

Com apenas atleticanos no Estádio do Independência, aos poucos, cada torcedor vai se apropriando de um determinado lugar de acordo com o seu pertencimento às torcidas ou como sócio torcedor⁶. Por exemplo, a Galoucura se localiza atrás do gol. Todos são torcedores do mesmo clube de futebol, mas há hostilidade entre esses grupos. O sócio torcedor se refere aos torcedores organizados como “marginais”. Em contrapartida, eles relatam que os demais torcedores são “burgueses”. A distinção econômica, social e cultural na metrópole está implícita nas relações entre os demais torcedores da capital mineira dentro dos estádios, fato que não se pode igualar as torcidas como uma unidade. As relações sociais são pautadas pelas animosidades dentro da Arena Independência.

No que diz respeito à Galoucura, as distinções podem ser verificadas através das vestimentas e dos comportamentos dos jovens pertencentes às sub-sedes. Ao invés da camiseta padrão do Clube Atlético Mineiro (preta e branca), os torcedores organizados vestem uma camisa fabricada apenas para os jovens pertencentes à Galoucura. Por detrás da camisa, verifica-se o mascote e, logo, a escrita de qual regional o jovem reside, distinguindo cada subgrupo. Assim, os jovens pertencentes a mesma regional se localiza lado a lado nas arquibancadas, justamente, para demonstrar companheirismo, amizade e, principalmente, a proteção que necessitam caso sejam provocados por qualquer outro membro.

Durante os jogos, os torcedores da Galoucura possuem diversas bandeiras espalhadas pela arquibancada. Além disso, a bateria da Galoucura entusiasma os torcedores a serem “mais um no campo” cantando as músicas elaboradas por eles

6. O sócio torcedor do Clube Atlético Mineiro é denominado de “Galo na veia”.



através de gestos e coreografias, motivando os jogadores a alcançar com sucesso a vitória tão almejada nas partidas de futebol.



FIGURA 5 – À esquerda, a camisa referente à Torcida Organizada Galoucura, especificamente, a Galoucura Noroeste (GNO). À direita, a camisa dos torcedores do Clube Atlético Mineiro.

FONTE – Primeira ilustração: Foto cedida por um membro da torcida. Segunda ilustração: futfanatics.com.br

Além das bandeiras, existe mais um simbolismo que representa a grandiosidade e a força de uma torcida organizada: os bandeirões. Na Figura 6, observa-se o bandeirão recobrendo toda a torcida Galoucura. Os próprios torcedores não visualizam o espetáculo da sua torcida, pois o que interessa é impactar o externo. Para àqueles que participam desse espetáculo não há como descrever a sensação de pertencer a uma torcida organizada, uma vez que desperta sentimentos experienciados no corpo através das paixões e das emoções.



FIGURA 6 – Foto mostrando o “bandeirão” da Galoucura recobrendo os torcedores na arquibancada.

Fonte: Foto cedida por um membro da torcida.

Além dos simbolismos, dos espaços urbanos apropriados pelos jovens das torcidas organizadas, do processo de constituição de identidades e as mais diversas



formas de estabelecer relações sociais dentro e fora do grupo, é preciso indagar sobre o significado que as torcidas organizadas possuem para tantos membros. Em primeiro lugar, o jogo seria uma atividade realizada dentro de certos limites de tempo e espaço acompanhadas, primordialmente, por sentimentos de tensão e alegria distintos da vida cotidiana. A beleza do futebol e o espetáculo da arquibancada como um dos laços que unem o jogo à beleza com a estetização dos corpos e das formas de torcer trazem à tona toda o sentimento dos torcedores. O futebol com todas essas peculiaridades das torcidas organizadas implica na eliminação da vida cotidiana proporcionando a sensação de liberdade através das formas de torcer (HUIZINGA, 1938).

Em segundo, a constituição do grupo para a defesa do bom nome da região onde habitam, por isso, a disposição dos membros a lutarem fisicamente contra os rivais. Como bem destaca Elias e Dunnig (1992, p. 372), “[...] o nivelamento por idade, a segregação dos sexos e a identificação territorial parecem ser os determinantes cruciais da estrutura social interna”. Além disso, cabe destacar que torcer através dos xingamentos e expressões corporais proporcionam elevados níveis de excitação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A charanga do Flamengo, fundada por Jaime de Carvalho, em 1942, foi o primeiro movimento de formação das torcidas organizadas brasileiras com o objetivo de “carnavalizar” o futebol. A Torcida Uniformizada de São Paulo (TUSP) foi a primeira torcida organizada de forma uniformizada e independente criada no Brasil. A partir desses dois momentos históricos, várias outras torcidas brasileiras foram surgindo com o objetivo de apoiar o clube de futebol. Até o final da década de 1950, a torcida era marcada pela “carnavalização”. Após esse período e com a Ditadura Militar, a “carnavalização” passou a ser “militarizada” incorporando para dentro das torcidas organizadas o caráter ditatorial durante o período da Ditadura Militar no Brasil (BUARQUE DE HOLANDA, 2012).

*“Pari passu com o desenvolvimento de tais grupos, outro significado histórico seria atribuído às torcidas no intervalo que marcou o regime militar no Brasil. Apenas com o encerramento da ditadura, no início dos anos 1980, este significado apareceria mais nítido nos relatos jornalísticos e nas análises sociológicas. A incorporação de um ‘espírito de época’ apontaria para uma transição do fenômeno das torcidas, cujo sentido ia da *carnavalização* à *militarização*” (BUARQUE DE HOLANDA, 2012, p. 115).*

Por fim, as torcidas organizadas e suas respectivas alianças e rivalidades nos remete a repensar sobre a complexificação do futebol como um fenômeno social, do qual é necessário realizar pesquisas para discutir sobre a violência entre os integrantes de uma mesma torcida e com seus rivais. Com a Copa do Mundo, o Es-



tado foi criando várias intervenções para evitar qualquer tipo de violência dentro e aos arredores dos estádios com o intuito de “disciplinar os corpos”. O Estatuto do Torcedor e a reforma dos estádios com as cadeiras numeradas é um exemplo dessa atuação. No entanto, os próprios jovens modificaram a dinâmica das relações combinando por meio das redes sociais encontros invisíveis aos olhos dos Policiais Militares. Se todo esse contexto está presente nas relações estabelecidas entre as torcidas organizadas, principalmente, nos dias dos “clássicos” é preciso relativizar o termo violência para tais grupos. Será que realmente eles consideram essa violência como negativa, assim como, a sociedade e a mídia? Qual é a importância das torcidas organizadas para os jovens moradores das periferias excluídos geograficamente, socialmente, economicamente e culturalmente do contexto urbano? As torcidas organizadas seria uma forma desses jovens circularem pela cidade? A presença de torcedores dentro dos estádios não poderia diminuir a criminalidade violenta que encontramos nas “quebradas” de Belo Horizonte? Estes são alguns questionamentos para refletir sobre essa proposta de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUARQUE DE HOLANDA, Bernardo Borges. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas em 1950 e 1980. In: TOLEDO, L.H.; MALAIA, J.; BUARQUE DE HOLANDA, B.; ANDRADE DE MELO, V. (orgs). *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2010. p. 86-121.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A Busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992, 421p.

GRABIA, Gustavo. La Doce: a explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo. São Paulo: Panda Books, 2008, 208p.

HUIZINGA, Johan. Natureza e significado do jogo como fenômeno cultural. In: HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1938. p. 5-23.

Lei nº 10.671/03 e Lei nº 12.299/10, retiradas do site www.planalto.gov.br

MAGNANI, José Guilherme C. (1984), *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Editora Hucitec, 1984.

MALAIA, João M. C. Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950. In: TOLEDO, L.H.; MALAIA, J.; BUARQUE DE HOLANDA, B.; ANDRADE DE MELO, V. (orgs). *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2010. p. 53-85.

MELO, Victor de Andrade. *Sportsmen*: os primeiros momentos da configuração de um público esportivo no Brasil. In: TOLEDO, L.H.; MALAIA, J.; BUARQUE DE HOLANDA, B.; ANDRADE DE MELO, V. (orgs). *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2010. p. 21-52.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. *De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo*. 2005. 126f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

REFERÊNCIAS DA INTERNET

<http://torcidagaloucuragt.blogspot.com.br/2011/01/camisa-galoucura-noroeste.html>. Acesso em: 25/06/2014.

<http://futfanatics.com.br>. Acesso em: 25/06/2014